

# RELIGIÕES E JUVENTUDES A PARTIR DO CENSO 2022

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Relatório Parcial de Pesquisa

# RELIGIÕES E JUVENTUDES A PARTIR DO CENSO 2022

---

PRIMEIRAS IMPRESSÕES



Curitiba  
2026

## **Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)**

### **Reitor**

Ir. Rogério Renato Mateucci

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Valéria Andrade Leal

### **Vice-Reitor**

Vidal Martins

### **PUCPRESS**

#### **Gerência da Editora**

Michele Marcos de Oliveira

#### **Pró-Reitor de Missão, Identidade e Extensão**

Fabiano Incerti

#### **Edição**

Susan Cristine Trevisani dos Reis

#### **Coordenador do Instituto**

#### **l'Hermitage de Estudos Avançados**

Douglas Borges Candido

#### **Edição de arte**

Cristina Mosol

#### **Coordenação editorial do projeto (pesquisa, redação e revisão técnica)**

Douglas Borges Candido

Davi Dagostim Minatto

Elisa Cristina Monticelli

Fabiano Incerti

#### **Preparação de texto**

Gabrielle Regina Gomes Caroccia

#### **Revisão**

Gabrielle Regina Gomes Caroccia

#### **Entrevistados**

Carlos Eduardo Souza Aguiar

Luiz Carlos Susin

#### **Capa e projeto gráfico**

Rafael da Matta Hasselmann

#### **Diagramação**

Rafael da Matta Hasselmann

*O relatório **RELIGIÕES E JUVENTUDES A PARTIR DO CENSO 2022: PRIMEIRAS IMPRESSÕES** é uma publicação que visa aprofundar alguns dados fornecidos pelo IBGE sobre o novo mapa religioso no Brasil, refletindo sobre a pluralidade de experiências religiosas entre os jovens.*

### **PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat**

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

[pucpress@pucpr.br](mailto:pucpress@pucpr.br)

DOI: <https://dx.doi.org/10.7213/Religioesejuventudes>

# SUMÁRIO

---

# APRESENTAÇÃO

---

*“As várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade”*

(Francisco, *Fratelli Tutti*, 2020, n. 271).

Este relatório condensa meses de pesquisa, debate e aprofundamento sobre o panorama das religiões no Brasil com base nos dados do Censo 2022. O trabalho tem como foco as juventudes, com destaque para as três categorias estatisticamente mais numerosas: católicos, evangélicos e sem religião.

Acompanhando os dados históricos da pesquisa censitária nacional, observa-se um crescimento da pluralização religiosa, com destaque para a diminuição dos católicos, a expansão dos evangélicos e o aumento dos que se declaram sem religião. Esse fenômeno tem chamado atenção, em particular no universo das juventudes, com índices ainda mais expressivos em 2022. Vale ressaltar que a categoria dos “sem religião”, nos dados do IBGE, não indica necessariamente ausência de religiosidade. Em alguns casos, trata-se apenas de uma desvinculação em relação às instituições.

Neste contexto, as religiões não detêm mais a exclusividade como discurso doador de sentido à existência.



A reconfiguração dos valores, atrelada à fusão com as tecnologias, tem possibilitado novas formas de espiritualidade e religiosidade nas redes. Diferentemente das religiões tradicionais, que trazem senso de comunidade, essas novas formas de religiosidade podem assumir feições personalistas e sem vínculos estáveis de pertencimento.

Os dados do Censo 2022 nos oferecem um novo mapa das religiões no Brasil, possibilitando maior compreensão das dinâmicas de fé dos jovens e apontando para a necessidade de um diálogo aberto, honesto e profundo entre as religiões, em prol de uma cultura de paz, respeito e tolerância.

*Davi Dagostim Minatto*

*Douglas Borges Candido*

*Elisa Cristina Monticelli*

*Fabiano Incerti*

Instituto l'Hermitage de Estudos Avançados PUCPR

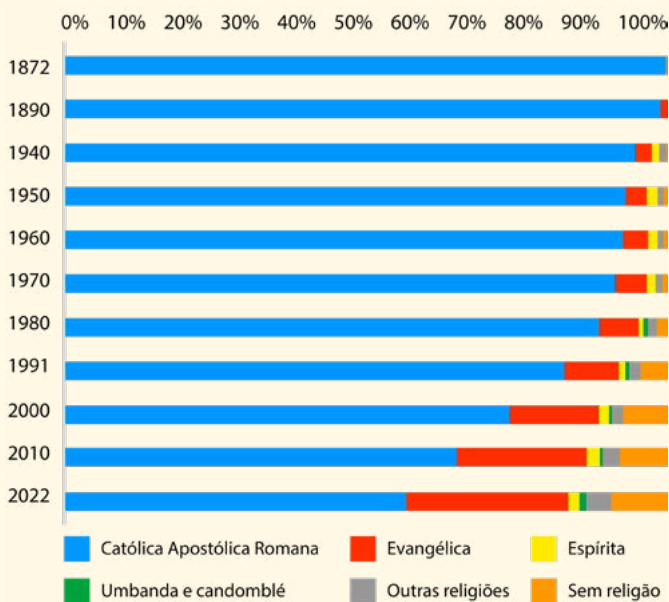
[institutohermitage.pucpr.br](http://institutohermitage.pucpr.br)



# UM PANORAMA DAS RELIGIÕES NO BRASIL

No século XIX, **100% da população brasileira era católica**, de acordo com os dados dos primeiros censos realizados no país. Com o passar do tempo, esse cenário foi se modificando, até chegar a uma **grande pluralidade religiosa em 2022**, com o menor número de católicos já registrado pela pesquisa.

Gráfico 1 – Histórico das religiões nos censos demográficos



Fonte: IBGE (2025).



## Breve análise

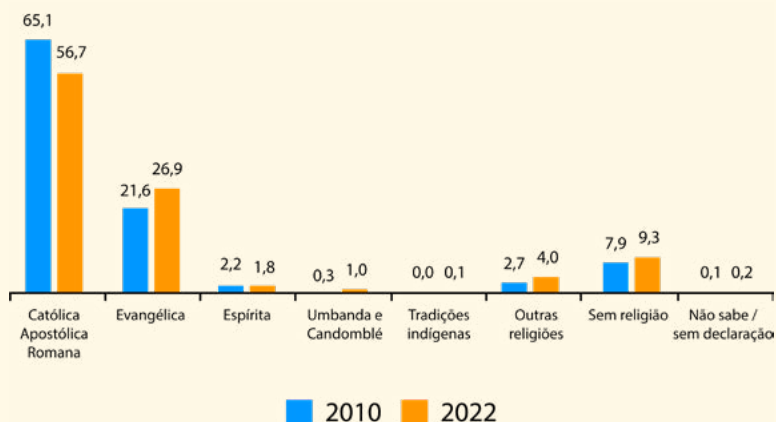
- A partir da Proclamação da República em 1889, houve a separação entre Igreja e Estado, e o catolicismo deixou de ser a religião oficial do país.
- A grande **expansão evangélica** ocorreu a partir da década 1980, com o surgimento das igrejas neopentecostais no Brasil.
- O primeiro registro significativo dos sem religião aconteceu na década de 1990, com 4,8% da população identificando-se nessa categoria. Até 2022, esse percentual duplicou.
- A maior expansão das religiões de matriz africana ocorreu na última década, em paralelo a uma série de leis antirracistas, como a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas escolas (2003 e 2008) e o Estatuto da Igualdade Racial (2010), entre outras.

“Um pluralismo sã, que respeite verdadeiramente aqueles que pensam diferente e os valorizem como tais, não implica uma privatização das religiões...”

(Francisco, *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 255).



Gráfico 2 – Comparativo das religiões nos Censos 2010 e 2022



Fonte: IBGE (2025).

## Breve análise

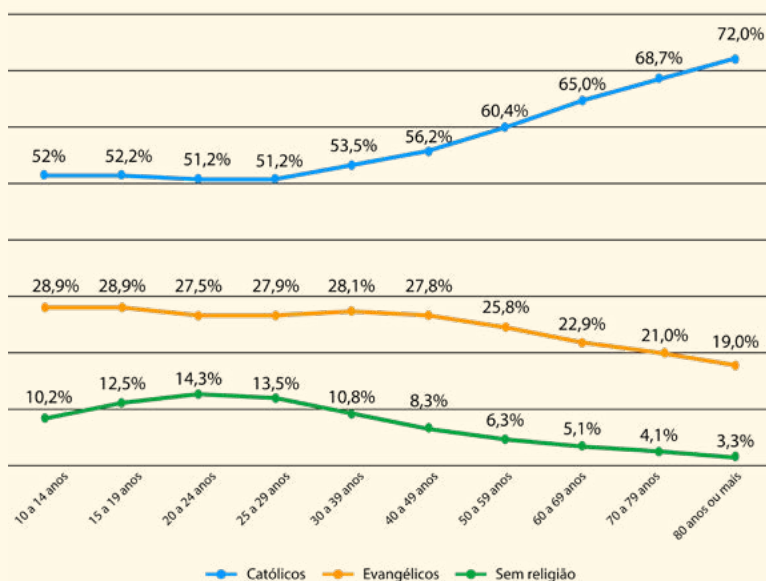
- Os católicos diminuíram de 65% da população para 56,7%, uma perda de 8,3 pontos percentuais (p.p.).
- Os evangélicos<sup>1</sup> aumentaram de 21,7% para 26,9%, um crescimento de 5,2 p.p.
- Os espíritas tiveram um declínio de 2,1% para 1,8%, representando 0,3 p.p. a menos.
- As religiões de matriz africana (no Censo, Umbanda e Candomblé) passaram de 0,3% para 1,0%, um aumento de 0,7 p.p.
- As pessoas que se declaram sem religião passaram de 7,9% para 9,3%, um aumento de 1,4 p.p.

<sup>1</sup> No Censo 2022, todas as igrejas evangélicas foram agregadas em uma única categoria, diferentemente dos censos anteriores, que distinguiam denominações.



De 2010 para 2022, o Catolicismo perdeu  
cerca de **5,2 milhões** de adeptos no Brasil.

Gráfico 3 – Religiões no Brasil, por grupos de idade



Fonte: IBGE (2025).



## Breve análise

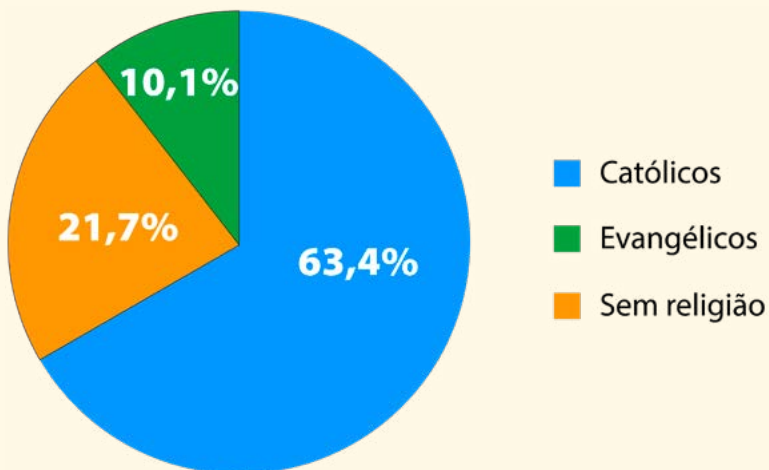
- O percentual mais alto de **católicos** está entre os idosos com mais de 80 anos, e o mais baixo entre os jovens de 20 a 29 anos.
- O pico das pessoas que se declaram **sem religião** está entre aquelas de 20 a 24 anos.
- O ápice dos **evangélicos** está na população mais jovem, de 10 a 19 anos.

“Olhando para as juventudes, podemos ver uma tendência para que a religiosidade continue crescendo no Brasil, não necessariamente a pertença religiosa. As atuais formas institucionais de práticas religiosas vão continuar diminuindo, pois temos muita instituição com pouca vitalidade. Cada vez menos jovens dispostos a pagar o preço para continuar levando adiante a instituição, menos lideranças, menos vocações sacerdotais e religiosas. Os atuais modelos de engajamento estão em crise, não a religiosidade em si”  
(Susin, 2026).



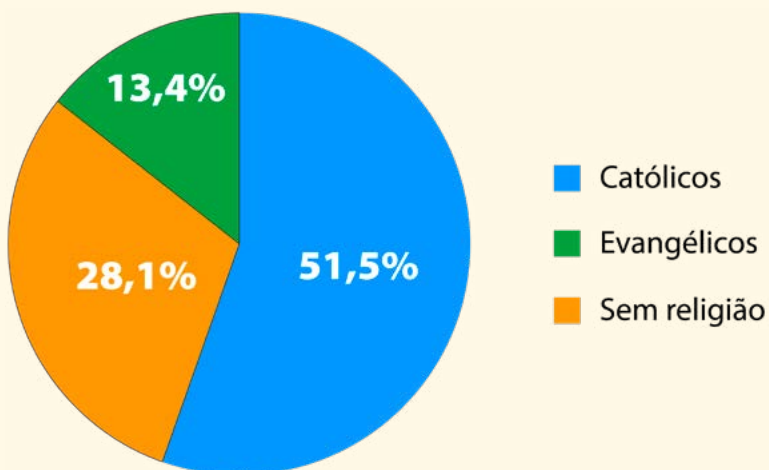
## Foco no público jovem

Gráfico 4 – Religiões no Brasil, dos 15 aos 29 anos – Censo 2010



Fonte: IBGE (2025).

Gráfico 5 – Religiões no Brasil, dos 15 aos 29 anos – Censo 2022



Fonte: IBGE (2025).



## Breve análise

- **Total da população em 2010:** 190.755.799, dos quais 51.330.569 eram jovens de 15 a 29 anos, ou seja, 26,9% da população. Dentre esses jovens, destacam-se:
  - **Católicos:** 32.550.361
  - **Evangélicos:** 11.162.746
  - **Sem religião:** 5.202.302
- **Total da população em 2022:** 203.080.756, dos quais 45.275.589 eram jovens de 15 a 29 anos, ou seja, 22,3% da população.
  - **Católicos:** 23.320.681
  - **Evangélicos:** 12.715.221
  - **Sem religião:** 6.092.105
- Isso significa que, em uma década:
  - O Brasil perdeu 6.054.980 jovens.
  - O catolicismo perdeu 9.229.680 jovens.
  - Os evangélicos ganharam 1.552.475 jovens.
  - A categoria sem religião ganhou 889.803 jovens.



# HIPÓTESES E LEITURA DE CENÁRIO CENSO 2022



## Sobre a diminuição do número de jovens católicos

Por que os jovens de hoje são menos **católicos** do que nas últimas décadas?

- a) Crise das instituições como fenômeno contemporâneo.
- b) Retração na vida religiosa consagrada, com consequente redução da presença entre os jovens.
- c) Desafios na formação de novas lideranças capazes de dialogar com as juventudes.
- d) Escândalos e crise moral em torno de líderes religiosos, que geram desconfiança nos jovens.
- e) Carência de lideranças alegres em uma época de “paixões tristes”.
- f) Pouco espaço para o protagonismo e a propositividade dos jovens nas estruturas paroquiais predefinidas.
- g) Dificuldade da Igreja de responder às rápidas mudanças culturais.
- h) Novos territórios da religiosidade e espiritualidade (ciberculturas).



“A progressiva diminuição da transferência geracional do Catolicismo que vem acontecendo desde algumas décadas não é sem consequências. Uma parcela considerável de jovens nascidos há 15 e 29 anos já foi socializada em famílias plurirreligiosas e tem acesso a símbolos e sentidos religiosos que estão à margem ou fora do chamado ‘mundo católico’” (Novaes, 2025, p. 27).

*A redução de jovens na Igreja Católica segue um ritmo mais acelerado do que a diminuição de jovens na composição da população brasileira.*

“O problema da comunicação está ligado à escuta. A Igreja tem propostas de espiritualidade, de moral e ética, de metodologias, oferece experiências de fé profundas, mas nem sempre está presente para escutar cada jovem que se aproxima. O Sínodo reconheceu que os jovens querem ser ouvidos. A escuta exige um acompanhamento. Há um apelo a revalorizar a escuta não apenas como estratégia, mas como processo de amadurecimento espiritual e de aprofundamento de fé. Na era das subjetividades, é preciso evangelizar a pessoa, não apenas o coletivo. [...] De fato, no cristianismo, o elemento pessoal da fé deve levar ao compromisso comunitário. Ambas as dimensões precisam estar equilibradas” (Leal, 2025).



“Consequentemente, um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral. Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, ‘a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! [...] E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e desalentados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo” (Francisco, *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 10).

“A partir do ano 2010, principalmente, os conteúdos da fé passaram a ser consumidos também por meios virtuais. O impacto imediato da religiosidade na cibercultura é perda da dimensão comunitária da fé e da presencialidade multissensorial da aprendizagem cristã. Outro problema acentuado foi a mistura entre fé e entretenimento: a cibercultura permite escolher os conteúdos da fé que interessam, apenas aquilo que autorrealiza. O jovem é conduzido pelos algoritmos” (Espíndola, 2026).



## Freio na diminuição do número de jovens católicos

“O catolicismo segue perdendo fiéis, mas a velocidade da erosão diminui de forma lenta e contínua. A desaceleração pode estar associada, ainda que de forma residual, a fatores como a valorização da tradição católica por grupos conservadores, o aumento da presença digital e o carisma do papa Francisco” (Toniol, 2025, p. 6).

- a) Esforço da Igreja para se ambientar na cultura digital (redes sociais, missionários digitais, terço *on-line*, adoração virtual etc.).
- b) Sensibilidade do pontificado do Papa Francisco para com as juventudes (escuta das gerações mais jovens).
- c) Iniciativas da Igreja que mobilizam as juventudes em torno de projetos sociais.
- d) Ascensão de movimentos com forte apelo estético e emocional na Igreja (Renovação Carismática Católica e outros).
- e) Ressurgimento de um catolicismo tradicionalista e conservador, que traz uma sensação de segurança moral diante de uma sociedade permissiva.



“A movimentação internacional do papado de Francisco parece ter reacendido a ‘utopia’ um tanto adormecida na instituição. No Brasil, fortalecendo a (re)articulação de grupos progressistas, legitimando tomadas de posição no espaço público em causas ambientais, antirracistas e pela justiça social, esse papado pode ter colaborado para a desaceleração da queda do Catolicismo” (Novaes, 2025, p. 26).

“Por outro lado, há também um aspecto em alguns jovens com pouca fluidez: cresce a juventude com rigidez cognitiva, com pouca abertura ao pensamento dialógico. Há jovens que buscam na rigidez aquela solidez que falta no mundo. Também esses jovens precisam ser acompanhados com caridade. Buscam algo mais claro, ‘a verdade’ segura para seguir” (Espíndola, 2026).



## Sobre o aumento do número de jovens evangélicos

O que explica o crescimento dos **evangélicos**, sobretudo entre os jovens?

- a) Maior adaptabilidade das igrejas evangélicas aos territórios em que se encontram.
- b) Cultos e cerimônias com forte apelo motivacional e emocional.
- c) Linguagem mais ajustada à sensibilidade das novas gerações.
- d) Maior presença de Igrejas evangélicas e recuo da Igreja Católica nas periferias.
- e) Escalada estratégica da presença evangélica nos meios de comunicação de massa.
- f) Pragmatismo religioso: formulação de propostas segundo a demanda dos fiéis (customizada).
- g) Retrotopia e a sensação de segurança moral que essas igrejas proporcionam.

*Entre 2010 e 2022, os **evangélicos** tiveram um incremento superior a **1,5 milhão** de jovens.*



“A institucionalização forte da Igreja Católica deixou em segundo plano a experiência espiritual, por isso os evangélicos tiveram tanto sucesso neste país quando chegaram trazendo experiência religiosa [...]. A Igreja Católica, mesmo quando conseguiu adentrar nas periferias, levava muita instituição, pesada, diferente dos evangélicos que levaram uma igreja mais leve, espontânea” (Susin, 2026).

“De fato, no Brasil o crescimento do pentecostalismo entre jovens se deu mais entre jovens pobres e moradores de periferias. [...] nesses espaços as Igrejas ‘são muitas vezes a única rede para fora do tráfico, das drogas, da violência doméstica’” (Novaes, 2019, p. 24-25).



“O crescimento dos evangélicos não significa um crescimento de todos os evangélicos. Muitas igrejas evangélicas tradicionais e as pentecostais também veem a queda na participação de jovens, enquanto novas igrejas neopentecostais (fundações dos anos 2010 em diante) têm atraído jovens, utilizando inclusive auditórios dentro de Shopping Centers [...]. Em muitos casos, são igrejas fundadas por dissidentes das igrejas evangélicas tradicionais, com grande foco no aspecto estético (música, performance) e na realização e experiência pessoal dos indivíduos” (Espíndola, 2026).



## Sobre o freio no crescimento do número de jovens evangélicos

“A grande questão do Censo de 2022 é que o crescimento evangélico foi inferior ao esperado. [...] Ao menos uma parte dessa expectativa foi impulsionada por um pânico moral em torno da figura do ‘Outro evangélico’, construído como um coletivo percebido como ameaça à ordem democrática e às conquistas sociais recentes. À medida que as crises políticas e sociais da última década se aprofundavam, os evangélicos foram frequentemente identificados, de maneira apressada, como responsáveis pelo avanço do conservadorismo e pela intensificação dos dilemas da democracia liberal” (Toniol, 2025, p. 6-7).

- a) Envolvimento político das igrejas, frequentemente percebido como instrumentalização da fé e alinhamento partidário.
- b) Moralismo excessivo e posturas intolerantes, sobretudo em temas ligados à sexualidade.
- c) Percepção de incoerência no comportamento de líderes evangélicos.
- d) Escândalos financeiros institucionais.



*Segundo o Censo 2022, quase **13 milhões**  
de jovens no Brasil são evangélicos...*

“Assim como jovens entrevistados elencam motivos para estar nas igrejas (acolhimento em situações de crise, aprendizado musical, lazer e uso do tempo livre), mais recentemente tornam-se mais recorrentes as razões para circular entre igrejas ou denominações ou delas se afastar. Entre elas, destacam-se: conflitos com o pastor e/ou com a membresia por questões de dízimo, por censura ao modo de vestir ou orientação sexual, pelo exacerbado posicionamento político da autoridade religiosa” (Novaes, 2025, p. 30).

“Um aspecto que vale retomar está no caráter dinâmico dos percursos religiosos dos jovens, conversão, desconversão, desfiliação, refiliação indicam uma amplitude maior de arranjos religiosos socialmente possíveis” (Teixeira, 2023, p. 257).

*... enquanto aproximadamente **23 milhões**  
de jovens no Brasil são católicos.*



## Sobre o aumento do número dos que se declaram “sem religião”

“Mais do que números, o crescimento dos sem religião revela uma transformação silenciosa e profunda: o enfraquecimento dos vínculos religiosos tradicionais e a emergência de formas mais individualizadas, fluidas e instáveis de relação com o sagrado. A categoria ‘sem religião’ acomoda uma diversidade difícil de capturar pelas classificações convencionais. Nela estão agregados ateus, agnósticos e aqueles que não se identificam com nenhuma religião, mas que não necessariamente abandonaram crenças religiosas” (Toniol, 2025, p. 10).

Algumas hipóteses para o crescimento do número de jovens que se declaram “**sem religião**”:

- a) Religiosidade desinstitucionalizada e “desigrejados”.
- b) Crise das tradições em razão da menor transmissão geracional.
- c) Questionamento à moral sexual e comportamental das religiões tradicionais.
- d) Espiritualidades sincretistas sem vínculos formais com nenhuma religião (*blend* religioso virtual).
- e) Multiplicidade de discursos, práticas e experiências fora da religião, que oferecem horizontes de sentido.



- f) Decepção em relação às religiões pela associação a episódios de violência, intolerância, guerras, discriminações e envolvimento político.

*Entre o Censo de 2010 e 2022, houve um  
acréscimo de aproximadamente **900 mil jovens**  
no grupo dos “sem religião”.*

“[...] as tecnologias em rede operam como meios do sagrado, estruturando mediações simbólicas e experiências do mundo marcadas pela conexão permanente, pela reticularidade e pela valorização do aqui-agora. Diferentemente das formas religiosas institucionais, baseadas em pertencimentos estáveis, hierarquias e doutrinas sistematizadas, essas espiritualidades contemporâneas se organizam de modo fragmentado, personalizado e transitório” (Aguiar, 2025).

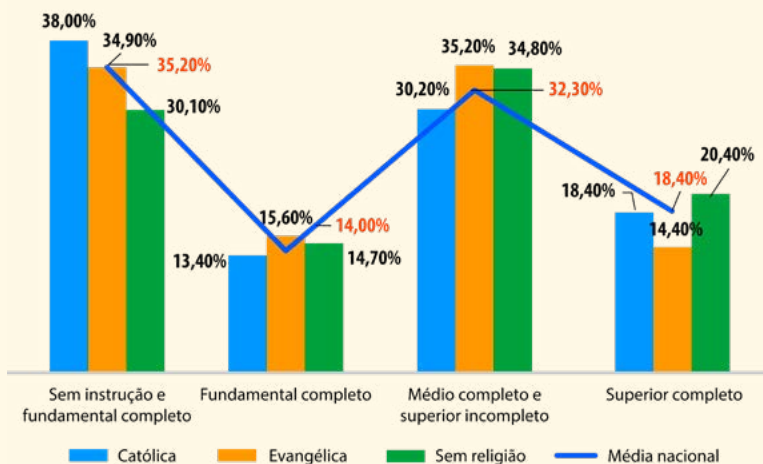


“Estamos diante de uma crescente produção de conteúdo sobre religião nas redes sociais. Aliás, para alguns usuários e consumidores de conteúdo, não se trata de religião, e sim de espiritualidade – termo que parece indicar uma flexibilidade das práticas não institucionalizadas. Agora, é possível se identificar com uma prática de fé sem acessar um templo e sem intermédio de lideranças. Para alguns, significa maior liberdade e a possibilidade de criar seu próprio jeito de crer” (Petersen, 2015, p. 43).



## Sobre as religiões no Brasil, de acordo com o nível de instrução (25 anos ou mais)

Gráfico 6 – Religiões no Brasil, por nível de instrução



Fonte: IBGE (2025).

“Se de um lado o confronto entre dogmas religiosos e a perspectiva de conhecimento científico-racional em que se ancora a universidade pode aprofundar o sentido de pertencimento religioso, por outro lado, pode, também, produzir tensões e fissuras capazes de levá-los a buscar experiências religiosas que permitem conjugar convicções pessoais com questões sociais mais amplas na produção de sincretismos contemporâneos” (Teixeira, 2023, p. 257).



## Breve análise

- O percentual de **católicos** sem instrução ou com fundamental incompleto é maior do que a média nacional em 2,8 p.p.: 51,4% dos católicos não chegaram a completar o ensino médio.
- O percentual de **evangélicos** com superior completo é menor do que a média nacional em 4 p.p.: apenas 14,4% dos evangélicos são diplomados.
- As pessoas **sem religião** estão distribuídas mais ou menos de acordo com a média nacional, com leve predominância nos grupos com maior nível de instrução: 55,2% com ensino médio ou superior completo.

“A juventude universitária está em um espaço mais secular, de ciência. Há uma secularidade crescente, que vem pela objetividade da ciência. [...]. Porém, quanto mais os jovens e os cristãos estiverem bem-informados e bem formados, melhor será sua religião” (Susin, 2026).

“Todavia a ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas”

(Francisco, *Laudato Si*, 2015, n. 68).



CAMINHOS  
ABERTOS  
PARA NOVAS  
ANÁLISES  
CENSO 2022



A compreensão do fenômeno religioso no mundo contemporâneo exige uma abordagem interdisciplinar. Áreas como filosofia, sociologia, psicologia, antropologia, teologia e história, entre outras, são convocadas a enriquecer conceitualmente esse debate. Assim, a análise das religiões e das religiosidades não pode se restringir a uma perspectiva censitária: ela ultrapassa os aspectos quantitativos e revela elementos fundamentais dos processos identitários de um povo.

Diante dessas reconfigurações identitárias, outro desafio reside na compreensão das transformações nas formas de vivência e de vinculação religiosa, que frequentemente escapam às categorias tradicionais. Soma-se a esse cenário a difusão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a crescente multiplicidade de propostas religiosas no ambiente digital.

Percebeu-se também que as perspectivas de crescimento e diminuição de alguns grupos religiosos não ocorreram nas proporções imaginadas. O processo de ruptura na transmissão geracional das religiões torna esse cenário ainda mais imprevisível e desafiador para as próximas décadas.

Para aprimorar a leitura desse complexo cenário religioso brasileiro, torna-se fundamental ampliar os cruzamentos dos dados fornecidos pelo Censo 2022. O acesso e a análise das informações disponibilizadas pelo IBGE, em certos casos, mostram-se insuficientes para a compreensão dos desdobramentos sociais do fenômeno religioso. Nesse sentido, os próximos passos da pesquisa devem incluir o cruzamento desses dados com alguns indicadores sociais e educacionais.



Além disso, o estudo confirma a compreensão do fenômeno religioso como dinâmico, demarcado geográfica e historicamente, e permeado por nuances sociais e culturais. Por essa razão, é importante ressaltar que este relatório não pretende apresentar um quadro definitivo sobre o tema, mas constituir o ponto de partida para um processo contínuo de investigação dessas dinâmicas.



## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. *Religião e tecnologia no Brasil contemporâneo*. Texto concedido ao Instituto l'Hermitage de Estudos Avançados PUCPR. Curitiba, 2025.

ESPÍNDOLA, Patrícia. *Entrevista concedida ao Instituto l'Hermitage de Estudos Avançados PUCPR*. Curitiba, 12 fev. 2026.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2022: religiões: resultados preliminares da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

LEAL, Irmã Valéria Andrade. *Entrevista concedida ao Instituto l'Hermitage de Estudos Avançados PUCPR*. Curitiba, 5 nov. 2025.

NOVAES, Regina. De onde vêm, onde estão e para onde vão? Notas sobre movimentações dos “sem religião” no campo religioso brasileiro. In: REIS, Livia (coord.) *et al. Um Brasil mais plural? Reflexões sobre os dados de religião do Censo 2022*. Rio de Janeiro: ISER, 2025. Disponível em: <https://iser.org.br/wp-content/uploads/2025/07/ISER-Um-Brasil-mais-plural-reflexoes-sobre-os-dados-de-religiao-do-censo-2022.pdf>. Acesso em: 27 maio 2026.



NOVAES, Regina. Juventudes e religiosidades: sinais dos tempos no Brasil contemporâneo. *Caminhando com o Itepa*, Passo Fundo, n. 126, p. 17-55, ago. 2019.

PETERSEN, Luciana. Mídias sociais e o novo jeito jovem de praticar (ou não) religião. *In: REIS, Livia (coord.) et al. Um Brasil mais plural? Reflexões sobre os dados de religião do Censo 2022*. Rio de Janeiro: ISER, 2025. Disponível em: <https://iser.org.br/wp-content/uploads/2025/07/ISER-Um-Brasil-mais-plural-reflexoes-sobre-os-dados-de-religiao-do-censo-2022.pdf>. Acesso em: 27 maio 2026.

SUSIN, Frei Luiz Carlos. *Entrevista concedida ao Instituto l'Hermitage de Estudos Avançados PUCPR*. Curitiba, 26 fev. 2026.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. Religião, vida universitária e juventude. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 235-259, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872023v43n1cap09>. Acesso em: 27 maio 2026.

TONIOL, Rodrigo. Censo de 2022 e religião no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 31, n. 72, e720701, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9983e720701>. Acesso em: 27 maio 2026.

